


História pública e pesquisa participativa no tempo presente: corpo e oralidade em um laboratório engajado

 /tempoeargumento

 @tempoeargumento

 @tempoeargumento

 **Juniele Rabêlo de Almeida**
Universidade Federal Fluminense
Niterói, RJ – BRASIL
lattes.cnpq.br/5588377981047859
junielrabelo@gmail.com
 orcid.org/0000-0001-9468-9192

 <http://dx.doi.org/10.5965/2175180316432024e0111>

Recebido: 16/09/2024

Aprovado: 11/11/2024

Editor Responsável (Convidado):

Emerson Cesar de Campos
Universidade do Estado de Santa Catarina
orcid.org/0000-0002-1455-4528



História pública e pesquisa participativa no tempo presente: corpo e oralidade em um laboratório engajado

Resumo

Este artigo propõe reflexões sobre a interface entre história pública, pesquisa participativa, história oral e corporeidade a partir das orientações teórico-metodológicas do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (LABHOI/UFF, criado em 1982). Busca-se observar os acervos de história oral construídos a partir de práticas participativas de pesquisa, que incluem formas corporais de narrativa públicas – percepção dos passados presentes nos corpos em trabalhos socialmente engajados. Discutem-se os processos de pesquisa que não minimizam o papel do corpo na construção do sujeito histórico.

Palavras-chave: história pública; pesquisa participativa; corpo; oralidade; Labhoi.

Imprisoned writings: (im)possible sources for the History of the Present Time

Abstract

This article presents reflections on the intersection of public history, participatory research, oral history, and corporeality, drawing on the theoretical and methodological approaches of the Oral History and Image Laboratory at Fluminense Federal University (LABHOI/UFF, founded in 1982). It aims to examine oral history collections created through participatory research practices that incorporate embodied forms of public narrative – the recognition of pasts manifested in bodies through socially engaged work. The article explores research processes that fully acknowledge the role of the body in shaping historical subjects.

Keywords: public history; participatory research; body; orality; Labhoi.

Historia pública e investigación participativa en el tiempo presente: cuerpo y oralidad en un laboratorio comprometido

Resumen

Este artículo propone reflexiones sobre la intersección entre historia pública, investigación participativa, historia oral y corporeidad, basándose en las orientaciones teórico-metodológicas del Laboratorio de Historia Oral e Imagen de la Universidad Federal Fluminense (LABHOI/UFF, fundado en 1982). El objetivo es examinar los acervos de historia oral construidos a partir de prácticas participativas de investigación, que incorporan formas corporales de narrativas públicas, es decir, la percepción de los pasados presentes en los cuerpos a través de trabajos socialmente comprometidos. Se analizan los procesos de investigación que reconocen plenamente el papel del cuerpo en la construcción del sujeto histórico.

Palabras clave: historia pública; investigación participativa; cuerpo; oralidad; Labhoi.

Introdução

O objetivo deste artigo é discutir aspectos da história pública¹ em trabalhos que entrecruzam pesquisa participativa², história oral e corporeidade, por meio das orientações teórico-metodológicas do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense – LABHOI/UFF (criado em 1982)³. Busca-se observar os processos de pesquisa, construídos a partir de práticas colaborativas, que geraram acervos de história oral com formas corporais de narrativa: gestualidades registradas em fotografias e material audiovisual (que ultrapassam a oralidade), bem como experimentações corporais realizadas em ações extensionistas que circunscreveram e implicaram o movimento corporal no processo de sensibilização para a criação dos acervos compostos por narrativas autobiográficas.

A história oral participativa traz questões para a produção colaborativa pretendida em um percurso que passa por três pontos centrais: as posições sociais dos participantes da pesquisa (entrevistadores e entrevistados); o contexto das relações por eles construídas; as formas de se lidar com o produto dessa relação, ou seja, a narrativa oral em suas dimensões públicas na história do tempo presente⁴. Na interseção entre história oral e história engajada⁵ é possível desenvolver debates e ações – a partir das narrativas produzidas dialogicamente, sem eliminar os dissensos e os sentidos contraditórios da memória social. Assim, a

¹ Ao construir pontes entre os diferentes saberes, a história pública ultrapassa a ideia de acesso e publicização de projetos acadêmicos e busca a produção e a difusão compartilhada do conhecimento. No Brasil, os debates sobre história pública se relacionam com discussões sobre os públicos da história, formas narrativas e processos de construção/difusão compartilhada do conhecimento produzido entre a universidade, a academia e as comunidades de sentido – em projetos que envolvem, necessariamente, os públicos aos quais se destinam (Almeida; Rosa, 2021; Almeida; Rovai, 2011; Mauad; Santhiago; Borges, 2018).

² A pesquisa participativa nas ciências humanas e sociais refere-se a uma abordagem colaborativa que busca a coprodução de conhecimento entre pesquisadores e participantes da pesquisa, valorizando o saber local e o engajamento ativo das comunidades envolvidas. Essa metodologia desafia a separação tradicional entre pesquisador e objeto de estudo, promovendo a democratização do processo de pesquisa. Seus princípios incluem a participação ativa, a ação e a intervenção transformadora e o compromisso ético com as realidades sociais dos grupos participantes (Fals Borda, 1991; Torres, 2008; Brandão, 1984; Abarrón; Landa, 1994).

³ Site: www.labhoi.uff.br; Canal LABHOI YouTube: www.youtube.com/@LABHOIUFFOficial; Instagram: [@labhoi_uff](https://www.instagram.com/labhoi_uff).

⁴ Os sentidos da história do tempo presente perpassam, nesse texto, as discussões de Bédarida, 1996; Ferreira, 2012, 2000; Rousso, 2016.

⁵ Hobsbawm (2006) no texto “Engajamento” (do livro “Sobre história: ensaios”) afirma que o engajamento pode servir para contrabalançar a tendência crescente de olhar para dentro, o autoisolamento da acadêmica.

história oral se estabelece como local de participação, suporte para registros da vida cotidiana e como espaço de aprendizagem (Almeida; Andrade, 2019). Nesse caminho, os projetos do LABHOI mobilizaram os usos do passado no encontro dos diversos saberes, com iniciativas voltadas para a dimensão social e engajada, ultrapassando o caráter arquivístico de formação de acervos de fontes orais e visuais.

A participação das comunidades (coletivos e redes de apoio) na produção de conhecimento é um desafio que se coloca à história oral produzida no LABHOI, uma vez que o compartilhamento de autoridade nesses processos pode não significar a participação plena de todos; pois a existência de amplas redes de entrevistados nem sempre significa estabelecer diálogos efetivos. Vale ponderar sobre os públicos e comunidades não abrangidos nos projetos. Os usos do passado resultam de uma composição: entre pessoas, articulações comunitárias, temáticas sensíveis e sentidos de lugar. As pesquisas em história oral participativa promovem reflexões sobre as formas de coparticipação pública, com a presença ativa dos diversos narradores, em diferentes comunidades de sentido (Baczko, 1985) – expressa por memórias plurais, produzidas a partir da experiência social de uma coletividade construída a partir de representações de um passado comum. Isso implica estudar e mapear a presença de cada narrador no coletivo e, também, considerar sua autonomia. São processos de mediação em encontros dialógicos, por meio de procedimentos éticos que envolvem formas e possibilidades de engajamento.

A coprodução, com os públicos e comunidades, desafia os projetos do LABHOI a estabelecerem conexões entre as memórias sociais permeadas por dissonâncias, contestações e perspectivas fragmentadas. A história oral participativa busca o envolvimento ativo do grupo e, na medida do possível, colaborações constantes para produzir conhecimentos e ações alinhados com demandas sociais.

Destacamos as dinâmicas fundamentais para as parcerias e colaborações no trabalho de história oral participativa: diálogo para construir procedimentos metodológicos a partir de cada momento; ampliação do espaço de participação dos sujeitos envolvidos (de forma mais direta, da criação do projeto de pesquisa ao seu desenrolar); percepção da pesquisa não apenas enquanto uma opção

acadêmica, mas também como uma opção comunitária; participação cidadã na pesquisa a partir das demandas negociadas, coletivamente, pelos sujeitos integrantes do processo participativo; percepção dos impactos das disputas e hierarquizações no trabalho de memória – pois, a mediação com as comunidades locais não se resume à divulgação de suas histórias a um público mais amplo, mas passa por escolhas narrativas e reparações históricas – a partir das dimensões políticas da cidadania e dos direitos humanos.

Assim, sob a expressão história pública, reuniram-se no LABHOI múltiplas iniciativas em favor do redimensionamento dos usos do passado – que podem envolver: a produção compartilhada do saber histórico; a participação engajada; a dimensão social da produção acadêmica; o impacto das novas mídias; a integração do processo de produção e divulgação da história; o trabalho de memória colaborativo em comunidades; os entrecruzamentos entre as trajetórias de vida e os movimentos sociais, políticos e culturais. Para tanto, foram estabelecidos diálogos entre o conhecimento acadêmico e o trabalho de memória. Não se buscou suprimir a ciência em favor da história pública, e sim buscou-se a construção de pontes entre a produção, comunicação e recepção social das pesquisas – atentas aos debates públicos.

O Laboratório de História Oral e Imagem: engajamentos sócio-históricos

Desde sua criação, em 1982, a partir da parceria das historiadoras Ismênia Martins e Eulália Lobo, o Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense tem se consolidado a partir de projetos coletivos (pesquisa, ensino, extensão e divulgação) que resultam atualmente em mais de 55 mil minutos de entrevistas, para além dos acervos fotográficos e audiovisuais (Mauad; Almeida *et al.*, 2024). Os trabalhos se conectam em três linhas de pesquisa: Memória, Áfricas e Escravidão; Fotografia, Arte, Mídias; Américas, Política, Comunidades⁶.

⁶ Destacam-se os trabalhos provenientes das disciplinas de História Oral e História Pública – oferecidas no curso de graduação em História da UFF – para além dos trabalhos realizados por pesquisadoras/es do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH-UFF) referentes aos usos do passado e à produção de fontes de memória, tanto orais quanto visuais.

A linha *Memória, Áfricas e Escravidão* discute a história do racismo e a temática dos passados sensíveis em sociedades pós-escravistas e pós-coloniais, bem como a história da escravidão atlântica e das formas pelas quais ela tem sido narrada no tempo presente. Já a linha *Fotografia, Arte, Mídias* se organiza em torno da problemática da história da imagem, por meio do conceito de cultura visual, analisando circuitos sociais da imagem, modos de ver e práticas de olhar, interrogando formas de produção de sentidos nas sociedades contemporâneas. E, finalmente, a linha *Américas, Política, Comunidades* compreende a cidade como lugar de significação, suporte de sentidos variados produzidos por diferentes grupos e comunidades, trabalhando analiticamente a categoria do urbano como substrato no qual se projetam diferentes lugares de memória – em perspectiva comparada com a experiência brasileira. Aborda, fundamentalmente, os debates públicos referentes às comunidades de sentido e às narrativas políticas⁷.

O LABHOI é hoje um centro de referência, nacional e internacional, na produção, preservação e estudo das oralidades e visualidades frente aos debates sobre a História Pública, especialmente em suas conexões com a Educação. Em 2018, o LABHOI se redefiniu ainda como rede de pesquisa, estando também instalado como grupo de pesquisa na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). De acordo com Ana Mauad (2018), o LABHOI se caracteriza enquanto um esforço de tocar o passado através de sujeitos individuais organizados coletivamente em comunidades de sentido que realizam exercícios de identificação por meio de uma experiência comum de passado.

As orientações teórico-metodológicas que sustentam o LABHOI sofreram transformações no decorrer da sua longa trajetória: do arquivo físico, passando pelo digital e o on-line – com o site do Laboratório, criado em 2003, com a disponibilização do acervo de entrevistas de história oral e material audiovisual⁸.

⁷ Ao consultar as linhas de pesquisa no site do LABHOI e possível identificar os acervos de história oral e imagem conectados a cada projeto.

⁸ Um exemplo é o projeto Memórias do Cativoiro: iniciado em 1994 pela equipe composta por Ana Lugão Rios, Robson Martins e Hebe Mattos e consistiu em entrevistas orais com camponeses negros das antigas regiões cafeeiras de Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais. Essa pesquisa resultou no livro *Memórias do Cativoiro: família, trabalho e cidadania no pós-abolição* de Hebe Mattos e Ana Lugão Rios, e, em 2005, no filme de escrita videográfica da história, de mesmo nome do projeto, dirigido por Guilherme Fernandez e Isabel de Castro, com direção acadêmica de Hebe Mattos e Martha Abreu. Somados, os arquivos sonoros do projeto Memórias do Cativoiro contam com 273 gigabytes de entrevistas orais em um total de 46 horas e 58 minutos de gravação.

Nos últimos anos, o LABHOI consolidou suas práticas de história pública de forma engajada: produzindo e divulgando conhecimento histórico de forma colaborativa e socialmente comprometida. As diretrizes epistêmicas que orientam suas práticas de pesquisa participante, buscam a interação entre pesquisadores e comunidades, a valorização de saberes locais e a construção de narrativas contra-coloniais – utilizando, aqui, o conceito proposto por Nêgo Bispo⁹ (Antônio Bispo dos Santos) na interseção de valores e sentimentos expressos nas formas de vida e conhecimento comunitários marcados por práticas de resistência. Trata-se do encontro entre narrativa e corporeidade, que Bispo (2015) chama de confluência: a coexistência entre diferentes elementos cujas visões podem se aproximar nas experiências vividas – uma contranarrativa que se opõe a uma narrativa que privilegiava versões colonizadoras.

Assim, o engajamento do LABHOI reconhece uma história (corpo)oral das comunidades. Tal perspectiva engajada não se reduz à ideia de “inclusão” (uma suposta busca para ser “incluído” em um sistema excludente já estabelecido), pois surge para a “criação” de novos espaços e abordagens. As pesquisas do LABHOI perscrutam, muitas vezes, temas sensíveis que se relacionam às histórias de vida presentes em diversos movimentos sociais de forma interseccional: negra, indígenas, LGBTQIA+, ambiental, sindical, feminista entre outros. A discussão em torno dos engajamentos na história pública traz a compreensão dinâmica de teorias e métodos da pesquisa participativa em história oral, comprometida com olhares ampliados para expressividade corporal. O campo da história pública, que se consolidou no Brasil ao longo da última década, tem se beneficiado em grande parte dos debates sobre história oral atentos aos desafios participativos: acervos construídos pela própria comunidade com vozes em primeira pessoa, demandas sociais por políticas de memória e resistências políticas em pesquisas autogestionárias. Trata-se da preocupação com os processos coletivos que alteraram a forma como lidamos com as fontes históricas (particularmente registros orais – em centros de memória da cultura popular e movimentos sociais

⁹ Nascido em 1959, Nêgo Bispo viveu no quilombo Saco-Curtume em São João do Piauí, Brasil, e faleceu em 3 de dezembro de 2023. Sua atuação política na luta pela reivindicação de terras levou a uma cosmovisão em defesa dos territórios tradicionais, incorporando símbolos, significados e modos de vida “afro-pindorâmicos”, referindo-se aos descendentes africanos e indígenas.

– que buscam reparação história e direito de memória). O campo da história pública tem se transformado a partir das novas formas de registros arquivísticos e de acesso público e participação na produção do conhecimento histórico.

O engajamento social do LABHOI tem ampliado os horizontes da formação no ambiente universitário, renovando condições de ensino e aprendizagem, promovendo a integração de docentes e discentes em torno do processo de construção de conhecimento contextualizado e de cooperação interdisciplinar que vão além da preocupação com o tratamento técnico documental. O LABHOI, ao promover pesquisas no campo da história oral e da história da imagem, acompanhou o movimento de renovação da historiografia contemporânea: colocou em questão o estatuto das fontes históricas; interrogou a história do tempo presente para ampliação do horizonte da pesquisa histórica, com a valorização dos novos objetos de estudo e propondo abordagens inovadoras. Hoje, o LABHOI integra os participantes da pesquisa de forma engajada – com a valorização do envolvimento ativo das comunidades nos processos de produção de conhecimento e na construção de narrativas históricas. A pesquisa participante coloca os sujeitos envolvidos no centro do processo de pesquisa, não apenas como objetos de estudo, mas como coautores e coautoras do conhecimento produzido. Em uma história engajada, busca-se atuar com grupos historicamente marginalizados, questionando os ideais de “neutralidade” e “distanciamento” ao trabalhar em colaboração. A produção de conhecimento é uma via de mão dupla, em que há troca entre pesquisadores e comunidades.

As pesquisas do LABHOI estão atentas à problemática da história da memória, compreendida a partir dos estudos dos suportes, agentes e representações que conformam a dinâmica dos usos do passado (Mauad; Dumas, 2011). Ao valorizar a história oral e visual, a história engajada do LABHOI busca construir narrativas plurais e inclusivas – seja em contextos de luta por justiça social, seja na educação, nas políticas de cultura ou nas políticas de memória. A base da interação entre palavras e imagens no trabalho do LABHOI procurou ultrapassar os contornos característicos do documentário cinematográfico para favorecer o desenvolvimento de uma variação do gênero comprometido com o registro do trabalho acadêmico num formato alternativo ao papel e com uma

linguagem atualizada e próxima da divulgação científica, com a produção de materiais comprometidos com a história pública. Além disso, buscou promover um produto que pudesse ser retornado aos entrevistados como resultado de um processo colaborativo. O uso das fontes visuais, de imagens técnicas e artísticas, integra hoje o que nos trabalhos do grupo do LABHOI foi denominado de *escrita videográfica* (Mauad; Knauss, 2006). Um trabalho no qual cada um colabora com o seu conhecimento e experiência numa produção coletiva que congrega as competências individuais. Essa perspectiva enseja atualmente no LABHOI uma plataforma de produção, circulação e agenciamento de vídeo-histórias.

Em pareceria com um movimento mais amplo, representado por sua participação na Rede Brasileira de História Pública¹⁰, o LABHOI reafirmou a produção de conhecimento apoiada em princípios dialógicos vinculados às dimensões cidadãs da história, o que levou a investir no desdobramento de seus resultados em plataformas digitais, reforçando a natureza pública do conhecimento produzido. Nos últimos dez anos, a partir da atuação constante do LABHOI nas redes sociais – sobretudo, YouTube, foi possível a consolidação do Canal LABHOI – como plataforma de acesso e arquivamento da produção audiovisual do grupo. A abordagem do laboratório é marcada pela produção colaborativa, inovação metodológica e compromisso com a democratização do conhecimento histórico. Muitas das pesquisas realizadas no LABHOI se comprometeram com processos de reparação histórica e luta por direitos, por meio da participação ativa dessas comunidades na escrita de suas histórias – compreendendo a construção da história pública, não apenas como uma atividade acadêmica, mas como uma prática política e comunitária.

¹⁰ No Brasil, pesquisadores de diferentes instituições se uniram na Universidade de São Paulo para a realização do Curso de Introdução à História Pública, em 2011, e para o 1º Simpósio Internacional de História Pública, em 2012, preocupados com a agenda pública e espaços de compartilhamento do como fazer, pensar e sentir a história. Esses eventos geraram, no mesmo ano de 2012, a criação da Rede Brasileira de História Pública (RBHP) em Belo Horizonte. As atividades e Simpósios Internacionais da RBHP (bianuais) já percorreram o Brasil: Universidade de São Paulo, Universidade Federal Fluminense, Universidade Regional do Cariri, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de São Paulo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Reverberaram, também, na criação do Mestrado em História Pública da Universidade Estadual do Paraná e do Bacharelado em História Pública na Universidade Federal do Rio Grande Sul. Destaca-se aqui a importância dos diversos programas de pós-graduação e inúmeros núcleos, laboratórios, grupos e projetos de história pública por todo Brasil: em especial o Laboratório de História Oral e Imagem da UFF.

Corpo-oralidade: projetos em movimento

O LABHOI é um núcleo de pesquisa fundamental para a consolidação da Rede Brasileira de História Pública. Os projetos do LABHOI (em especial aqueles de pesquisa participativa), nasceram da escuta de histórias de vida e da observação dos passados presentes nos corpos – práticas que reverberam mudanças efetivas a partir da aprendizagem narrativa presente na gestualidade. O acervo de entrevistas de história oral e o acervo audiovisual do LABHOI encontra-se hoje depositado em um arquivo/repositório; com o servidor interno que armazena o acervo digital e o site do Laboratório, criado em 2003, com a disponibilização de um banco de entrevistas de história oral e acervo audiovisual das linhas de pesquisa. Ao todo, o acervo do LABHOI conta com 5,4 terabytes de arquivos digitais. Desses, cerca de 3,5 terabytes são somente relacionados à linha de pesquisa Memória, Áfricas e Escravidão (Mauad; Almeida *et al.*, 2024).

Um exemplo é o projeto “Passados Presentes: Memórias do Cativo” iniciado em 1994 e constituído por entrevistas orais com camponeses negros das antigas regiões cafeeiras do Brasil: Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais. Essa pesquisa resultou no livro *Memórias do Cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição* e, em 2005, no filme de escrita videográfica da história, de mesmo nome do projeto. A prática da escrita videográfica da história, com a estruturação do site do LABHOI e de outros instrumentos de armazenagem e disponibilização das pesquisas, como a plataforma YouTube, conduziram à inserção do audiovisual como ferramenta do Laboratório para incluir aspectos da corporeidade no trabalho de história oral. Os projetos fílmicos *Jongos, Calangos e Folias: Música Negra, Memória e Poesia* (2007); *Versos e Cacetes: o Jogo do Pau na Cultura Afro-fluminense* (2009); *Passados Presentes: Memória Negra no Sul Fluminense* (2011) foram resultado de um vasto acervo audiovisual que inclui desde entrevistas com descendentes da última geração de africanos capturados na África para o trabalho forçado nas fazendas cafeeiras do Vale do Paraíba fluminense até a filmagem de performances de manifestações culturais de música e dança que evocam sua memória. Observam-se, assim, os desdobramentos desses projetos que se propuseram, de modo engajado, a pensar a história da escravidão atlântica, da diáspora africana e do pós-abolição nas Américas por meio da história oral, estimulando novas formas para o estudo

da cultura negra no Brasil. Desde 2005, as historiadoras do LABHOI (Hebe Mattos e Martha Abreu) desenvolvem pesquisas conjuntas através da elaboração de filmes historiográficos, contemplando um amplo campo de investigações sobre campesinato, família, cultura e música negra no pós-abolição (Abreu; Guran; Mattos, 2014).

Na totalidade do arquivo de história oral do LABHOI é possível encontrar diversas pesquisas comprometidas com a história pública em projetos interseccionais – atentos à corporeidade em narrativas orais em processos de pesquisa-intervenção (Chassot; Silva, 2018). Busca-se, especificamente a chamada pesquisa-intervenção dentro das metodologias participativas – ao problematizar a divisão entre teoria e prática, e entre sujeito e objeto de pesquisa. Questiona-se a ideia de que a produção de conhecimento deve preceder a ação, pois na pesquisa-intervenção, a produção de conhecimento ocorre durante o encontro (junto aos grupos e comunidades), sendo o pesquisador parte implicada no campo investigado (Paulon, 2005; Rocha; Aguiar, 2003). Nessa proposta são observados os conceitos de subjetividade e poder, buscando processos de diferenciação e transformação que emergem do próprio campo. Dialoga-se, assim, com a noção de implicação que desafia a hierarquização tradicional entre pesquisador e participantes. A produção de conhecimento torna-se, assim, um processo colaborativo e dinâmico a partir das reflexões, iniciadas na psicologia social, sobre intervenção (Chassot, Silva, 2018).

Um exemplo recente (realizado durante o ano de 2023) é o projeto “Hip Hop e História Pública em Niterói/Rio de Janeiro”¹¹ — com entrevistas e registros audiovisuais das rodas culturais de rap que culminaram em um encontro regional de Hip Hop na Universidade Federal Fluminense. O projeto foi desenvolvido em uma parceria entre estudantes e pesquisadores vinculados ao LABHOI e sujeitos da cultura Hip Hop que buscam realizar reuniões comunitárias regulares em espaços públicos, nas quais a presença de DJs, beatmakers e MCs, entre outros, é incentivada. O acervo de história oral é o resultado de uma pesquisa-intervenção: com a participação ativa de todos, visando reconhecer e valorizar a

¹¹ O projeto gerou o livro: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de *et al.* *Hip hop e história pública: memórias das rodas culturais de Niterói: interseccionalidades*. São Paulo: Popessuara, 2023.

arte, a cultura e o potencial educativo junto às rodas culturais de rap de Niterói. O projeto nasceu em resposta ao crescente processo de criminalização dos grupos de Hip Hop em espaços públicos no Rio de Janeiro. Entre 2018 e 2020, durante o governo Bolsonaro, vários artistas de rap e grafite brasileiros (entre outros da cultura negra) foram alvo de processos policiais ou judiciais, com suas obras sendo censuradas e seus aparelhos de som desligados. Muitas vezes, eles eram silenciados no meio de músicas que criticavam abusos policiais ou o conservadorismo social. Assim, o projeto no contexto social da cidade de Niterói (RJ) efetivou a perspectiva interseccional da história pública do LABHOI ao trabalhar as batalhas de rap no cruzamento das categorias de classe, gênero, raça, etnia, idade e orientação sexual. Assim, a pesquisa-intervenção sobre Hip Hop apontou uma visão mais complexa do movimento, incluindo as trajetórias de artistas e produtores culturais.

Ainda com o objetivo de situar os projetos do LABHOI, na interface história pública e engajamento entre corpo e oralidade, o “Projeto de salvaguarda do patrimônio linguístico e cultural dos povos indígenas transfronteiriços na região amazônica” produziu um vasto acervo de entrevistas de história oral com a comunidade Arara de Cachoeira Seca, no médio Xingu no Pará, e com profissionais que atuaram em conjunto com a comunidade nesse período de contato com o mundo não indígena. O material permite explorar as tensões entre esses dois mundos, as construções da memória pelos sujeitos indígenas e as transformações vividas por eles ao longo do período. Outro trabalho fundamental para o campo da história pública, com potencialidade para percepção do caráter engajado e participativo das pesquisas do LABHOI, é o projeto “Memória do Fotojornalismo no Brasil Contemporâneo”, composto por 41 entrevistas, referentes ao papel da imagem fotográfica na elaboração da narrativa histórica do Brasil atual na imprensa. Tais projetos discutem a problemática da história da imagem, trazendo a dimensão estética e ética da relação corpo-oralidade em acervos audiovisuais – discussões sobre vídeo-história (Mauad; Knauss, 2006) – por meio de mídias visuais e sonoras compreendidas como dispositivos de mediação cultural e agenciadores de culturas políticas.

As entrevistas do LABHOI também perpassam acervos construídos junto aos movimentos sociais: movimento ambientalista, movimentos por desmilitarização da segurança pública e movimentos por políticas de memória na educação. Sobre este último, vale destacar o acervo da Rede Trajetórias Docentes¹² que reúne 50 narrativas de professores de História em vários momentos de sua formação – também registradas em vídeo no canal Youtube do LABHOI. Os objetivos da Rede Trajetórias Docentes incluem a catalogação, digitalização e acesso público às narrativas autobiográficas de professores, além de promover a interação entre pesquisadores/as por meio de grupos de trabalho em história oral participativa. O caráter formativo das narrativas docentes, quando combinado com uma abordagem colaborativa, resulta em um processo de aprendizado contínuo: As histórias de vida dos professores não apenas enriquecem a compreensão da prática docente, mas também contribuem para a valorização e o reconhecimento social da profissão. A Rede Trajetórias Docentes é um exemplo de como a pesquisa e a documentação oral das histórias de vida podem transformar a compreensão da educação e da prática docente. Trata-se de um espaço para debates teóricos e metodológicos sobre histórias de vida, formação e trabalho docente, além de explorar entrevistas públicas em história oral. A produção do acervo é orientada por uma abordagem participativa e dialógica, facilitando encontros entre professores da educação básica e superior.

Atualmente estão em processo de construção os seguintes acervos do LABHOI (formato podcast) de pesquisa-intervenção participativa a partir de histórias de vida: Educação Libertária em Trajetórias; Envelhecimento e experimentações em movimento: Corpo-oralidade e história de vida. Este último projeto, Corpo-oralidade e história de vida, é uma ação extensionista do LABHOI

¹² A Rede Trajetórias Docentes é uma iniciativa interinstitucional e transdisciplinar que une pesquisa, ensino, extensão e divulgação a partir do acervo iniciado pela parceria do Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI-UFF) e o Laboratório de Ensino de História (LEH-UFF). A rede nacional de pesquisadores/as Trajetórias Docentes busca construir coletivamente um acervo de história oral e narrativas autobiográficas ao integrar projetos de diversas instituições brasileiras: hoje, especialmente, o LABHOI e o LEH contam com a presença da UFRN com o grupo de pesquisa Trajetórias Docentes/RN (sede atual da Rede Trajetórias Docentes) e com o Laboratório de Ciências Humanas (LCH), vinculado ao Laboratório de Ensino-Aprendizagem do Centro de Educação (LEA-CE). Além desses grupos e laboratórios, outros estão colaborando, estreitando o diálogo e realizando momentos formativos junto à Rede, a exemplo, do grupo GERASOES - Geografias (UFF).

em parceria com o Programa Avançado de Atendimento à Pessoa Idosa – UFFESPA. Tal programa de extensão é configurado por um trabalho social em prol de processos participativos na construção da cidadania com pessoas idosas (questões sobre envelhecimento na cidade de Niterói/RJ), composto por uma equipe interdisciplinar que configura uma rede de apoio mútuo. O trabalho do LABHOI, em uma pesquisa-intervenção – com o apoio de diversos grupos (do serviço social, da psicologia, do teatro, da biodança) – traz a junção do movimento corporal e da música em exercícios coletivos que conectam o cognitivo, o perceptivo e o sensorial para observação dos passados presentes nos corpos. Um processo participativo de intervenção que circunscreve e implica o movimento na percepção da história oral, com o estímulo da sensibilização corporal para a construção de narrativas autobiográficas. Os encontros semanais geraram um acervo de Histórias de Vida em formato *Podcast*¹³.

Tais projetos do LABHOI, no movimento da história pública, relacionam a pesquisa participativa ao trabalho de história oral que implica a corporeidade como objeto de estudo e prática colaborativa. Dessa forma, as pesquisas evocam a valorização da linguagem corporal desenvolvida pelos narradores, ou seja, gestos que remetem a múltiplas memórias. Os acervos apresentados acima são comprometidos com as finalidades documentais e arquivísticas de ampliação do próprio sentido público da história, capacidade expressa na produção, circulação e promoção dialógica dos saberes do passado. Assim, a história pública realizada no LABHOI não se refere apenas à disponibilidade de conteúdos e produtos finais, mas à relação entre saberes acadêmicos e não acadêmicos (ou comunitários) por seu caráter dialógico – no encontro dos participantes da pesquisa, nas formas de vínculo promovidas pela gestualidade.

A partir das discussões sobre ética em história oral (Portelli, 1997; Pozzi, 2014), os projetos de história oral realizados no LABHOI buscam uma escuta atenta, deixando o entrevistado à vontade para construir suas narrativas (que são devidamente transcritas, textualizadas e editadas). Os projetos enfrentam o

¹³ Dados do *Podcast*: Histórias de vida e Biodança: envelhecimento na interface pesquisa-ação, ensino e extensão; ano 2023. Disponível no *Spotify* - Juniele Rabêlo de Almeida (coordenadora), Iramaia Oliveira; Larissa Beserra; Richard Pereira; Farley Siva (organizadores do acervo e do *podcast*); Juniele Rabêlo de Almeida, Virgínia Flach; Lícia Mascarenhas (equipe de facilitadoras).

desafio da integração das noções de oralidade e corporalidade para confluência de novos saberes. Nesse caminho interessam as formas de produção e compartilhamento da história oral a partir do conceito de performance narrativa¹⁴: observação dos eventos narrados, bem como das situações em que as narrativas são elaboradas (Bauman, 1986). A performance narrativa evoca a valorização da linguagem corporal desenvolvida pelo narrador – gestos que se referem às memórias, intenções e imaginação em um contexto histórico. A corporalidade pode contar sobre um evento e, também, expressar papéis sociais e ideias presentes em sequência de ações.

As pesquisas do LABHOI buscam não negar e não diminuir o papel do corpo na constituição do sujeito histórico. O texto *Entre a História, as estórias e os gestos* (Amato; Hermeto, 2021) apresenta uma revisão historiográfica sobre as temáticas da gestualidade e da narrativa no campo da história oral – estabelecendo interlocuções para a construção do conceito de performance narrativa¹⁵. Algumas questões levantadas nessa revisão encontram eco neste artigo, em especial, o diálogo entre corpo e oralidade em uma abordagem participativa. Como construir uma história oral participativa que considere o movimento, da entonação vocal, da expressão corporal? Gestos parecem não caber na escrita e na oralidade, por apresentar outra lógica de expressão. Para Zumthor (2018, p. 83), a performance do corpo “dá ao conhecimento do ouvinte-espectador uma situação de enunciação”. O trabalho de história oral pode trazer o corpo do entrevistado, possibilitando narrar e recriar sua história de vida, “sem esquecer que esse corpo se liga a um espaço, a circunstâncias e a um contexto histórico específico” (Almeida; Amorim; Barbosa, 2007).

A gravação em vídeo das entrevistas de história oral (produção audiovisual) propicia o exercício de observação das memórias corporais – por meio da

¹⁴ Para Richard Bauman (1986), a *performance* traz a conexão entre a narrativa e o evento, a partir do processo de criação de sentido. “Na performatividade da oralidade e da palavra falada, aquilo que passamos a denominar de *performance narrativa* é parte fundamental da prática de acionar o passado a partir do presente” (Amato; Hermeto, 2021).

¹⁵ De acordo com Amato e Hermeto (2021), a chamada virada performática, na passagem dos anos 1980 para os 1990, mobilizou diferentes áreas do conhecimento – chegando aos debates em torno da dimensão narrativa da oralidade de forma ampla.

performance narrativa dos entrevistados – e, por conseguinte, de novos sentidos à compreensão da história. A integração do corpo ao trabalho de história oral provoca questionamentos sobre o pensar, o sentir e o agir desse sujeito histórico, em uma coprodução narrador/comunidade. A performance corporal do entrevistado pode compor uma presença que toca e marca, trazendo uma percepção sensorial que considera, “além da presença de um corpo, seu engajamento” (Zumthor, 2018, p. 19). São constituídas, nesse caminho, novas possibilidades de produção e análise das entrevistas de história oral: desprendidas de uma estabilidade mecânica e questionadoras dos discursos que ignoram o corpo do sujeito histórico. Busca-se o corpo em movimento de diferentes sujeitos e grupos, com as suas próprias marcas espaço-temporais dos contextos sociais daquela produção gestual.

A capacidade de comunicação dos sujeitos históricos (para uma pesquisa-intervenção participativa) está ligada a um acontecimento gestual e oral, existindo a *presença* irreduzível de um corpo. A história oral pode abarcar múltiplas percepções (na voz, no gesto, no cheiro...) e ampliar a percepção corporal, entre os participantes da pesquisa. Podem-se desvelar expressões e, também, o desejo de negação ou criação de novas gestualidades. O traço fundamental da corporeidade é a singularidade manifestada no encontro: na vivência do acontecimento.

O conceito de que o corpo é um arquivo de memória e um campo de disputa política é amplamente discutido em diversos campos das ciências sociais e humanas, incluindo a história, a antropologia e os estudos culturais. Em *Como as sociedades recordam*, Paul Connerton (1999) discute os mecanismos pelos quais as sociedades mobilizam suas memórias coletivas. O autor argumenta que tais memórias não se restringem apenas aos relatos orais ou registros escritos, mas são também ancoradas em práticas corporais. Afirma uma "memória incorporada", que se refere às tradições e hábitos preservados por meio do corpo, muitas vezes materializada em hábitos cotidianos. Investiga-se o papel dos rituais e das performances sociais na constituição da memória histórica, sugerindo que os modos pelos quais lembramos são profundamente enraizados na corporeidade das repetições e rituais.

Por meio de performances, rituais e práticas culturais, a corporeidade se torna uma fonte viva de memória, especialmente em contextos coloniais e pós-coloniais (Taylor, 2003), pois as práticas de história (corpo)oral podem desafiar o poder dos arquivos escritos coloniais. O corpo, como um espaço de controle e de poder, torna-se um campo de disputa política, no qual as forças sociais e políticas tentam discipliná-lo e submetê-lo (Foucault, 1975). É estabelecida uma arena de tensões políticas, especialmente em sociedades pós-coloniais, pois o corpo não é um receptor passivo de memórias, mas um agente ativo na disputa de narrativas políticas e sociais.

Nos projetos de história participativa do LABHOI, considera-se o corpo dos integrantes da pesquisa, atentando para as marcas de suas experiências e vivências, compreendendo o corpo enquanto fonte de memórias, resistências e negociações de poder. A história engajada, ao incluir ativamente as comunidades na construção do conhecimento, valoriza esses corpos no processo de pesquisa. Afinal, a corporeidade é moldada e regulada por normas sociais e políticas, mas também é capaz de insurgir contra essas imposições. Na história pública essa dimensão política se intensifica, pois a participação ativa das comunidades na pesquisa não só documenta suas memórias, mas também desafia as estruturas de poder que tentam apagar ou controlar essas histórias. As narrativas corporais são essenciais para a construção de narrativas plurais, que desafiam a hegemonia do arquivo textual e abrem espaço para a diversidade de experiências.

A dimensão pública da pesquisa participativa: considerações finais

Por meio de narrativas públicas (narrativas autorizadas disponíveis em coleções de história oral – abertas para consulta) insurgem debates sobre valores, ações e trajetórias coletivas em pesquisas participativas; trabalhos realizados por meio de práticas plurais comprometidas com a busca de parcerias e redes de apoio no cotidiano das comunidades. As diversas comunidades e movimentos sociais, com suas narrativas, trazem ações engajadas em meio aos conflitos inerentes às memórias coletivas. Por meio das práticas de história pública, criam-se espaços de responsabilidade política e social na coprodução do conhecimento, estimulando o exercício colaborativo.

As pesquisas do LABHOI são realizadas, em sua maioria, a partir das pontes (parcerias estabelecidas) com diversos ativismos contemporâneos e coletivos formados por cineastas, antropólogos, jornalistas, produtores culturais, líderes comunitários, atores, facilitadores de práticas corporais, artistas plásticos. Tais pontes catalisam os procedimentos da história (corpo)oral participativa e a promoção de práticas de história pública e formas de engajamento sociopolíticos em meio ao conservadorismo, à intolerância e aos dilemas da colonialidade no cenário brasileiro.

Os acervos do LABHOI tornam-se públicos com múltiplas interfaces – combinando pesquisa, ensino, extensão, divulgação na produção de sites, blogs, podcasts, aplicativos móveis, circuitos de visitação (turismo histórico) a partir de mapas interativos, além dos filmes, séries e documentários disponíveis nessas plataformas digitais. Dessa forma, os públicos da história são provocados (para além de sua ampliação) por meio de novas formas de acesso e do compromisso com o sentido público do conhecimento.

Digitalizar, catalogar, garantir o acesso público dos acervos é uma dimensão importante da história pública. E, ao mesmo tempo, ao estimular a difusão também se estimula a produção do conhecimento em processos de pesquisa mais colaborativos, mobilizando intervenções sócio-históricas em políticas de memória atentas às corporeidades envolvidas.

O estudo da corporeidade pode contribuir para a análise de várias práticas e estruturas coloniais atuais que reproduzem, por exemplo, racismo, misoginia e opressão "interseccional". Refletir sobre a corporeidade dos eventos requer rigor metodológico na análise do material audiovisual catalogado e nos encontros (relações face a face entre participantes da pesquisa), mas, ao mesmo tempo, permite a discussão de questões socialmente vivas – observando debates públicos sobre os usos do passado e disputas por memórias. O trabalho da história oral na interface com a história pública pode trazer novos sujeitos históricos à tona e potencializar o aprendizado narrativo sobre a corporeidade das práticas políticas no espaço público.

Os debates públicos contemporâneos entrelaçam memórias coletivas e os sentidos do passado que as compõem. A história pública possibilita a observação

e intervenção em direção a uma práxis historiográfica que reconheça a copresença dos sujeitos participantes da pesquisa. Não há, no entanto, soluções prontas. Não bastam boas intenções para que uma ação de história pública ocorra de forma efetiva e compartilhada. Ao colocar em marcha os chamados processos colaborativos da pesquisa-intervenção, fica evidente a variação do envolvimento efetivo dos interlocutores. Essa é uma questão central para a qual a reflexão sobre a história pública deve ser conduzida, a fim de promover maior relação entre os discursos e suas contrapartes práticas.

Não se trata da supressão da ciência histórica em favor da história pública, porém, o desejo de pensar a construção de pontes para além da academia, dialogando diretamente com grupos sociais – formais ou não formais – para a produção, comunicação e recepção social do trabalho acadêmico, em debates públicos que ampliem o encontro dos diferentes saberes. Uma história (corpo)oral traz dimensões contracoloniais em sua busca por novas narrativas – em uma atitude de resistência que anseia pela confluência de múltiplos saberes resultantes da presença do passado na corporeidade.

Referências

ABARRÓN, Luis Rodrigues; LANDA, Libertad Hernández. **Investigación Participativa**. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 1994. (Cadernos Metodológicos 10)

ABREU, Martha; GURAN, Milton; MATTOS, Hebe. Por uma história pública dos africanos escravizados. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 54, p. 248, jul./dez. 2014.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; AMORIM, Maria Aparecida; BARBOSA, Xênia. Performance e objeto biográfico: questões para a história oral de vida. **Oralidades**, São Paulo, n. 2, p. 101-109, 2007.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ANDRADE, Everardo Paiva (orgs.). **História oral e educação**. São Paulo: Letra e Voz, 2019. (Coleção história oral e dimensões do público).

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROSA, Rogério (org.). **História pública em movimento**. São Paulo: Letra e Voz, 2021.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (org.). **Introdução à história pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

AMATO, Gabriel; HERMETO, Miriam. Entre a História, as estórias e os gestos: performance narrativa em entrevistas de história oral. *In*: ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira; SANTHIAGO, Ricardo (org.). **História oral como experiência**: reflexões metodológicas a partir de práticas de pesquisa. Teresina: Cancioneiro, 2021. p. 165-194.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. *In*: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda: Editora Portuguesa, 1985. p. 296-332.

BARROS, Regina Benevides de. **Grupo**: a afirmação de um simulacro. Porto Alegre: Sulina: Editora UFRGS, 2007.

BAUMAN, Richard. **Story, performance, and event**: contextual studies of oral narrative. Cambridge: University Press, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CHASSOT, Caroline; SILVA, Rosane. A pesquisa-intervenção participativa como estratégia metodológica: relato de uma pesquisa em associação. **Psicologia Social**, Recife, v. 30, p. 73-87, 2018.

CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. Oeiras: Ed. Celta, 1999.

FALS BORDA, Orlando. Participatory (action) research in social theory: origins and challenges. *In*: WHYTE, William Foote (ed.). **Participatory action research**. Newbury Park: SAGE, 1991. p. 119-126.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

HOBBSAWM, Eric. Engajamento. *In*: HOBBSAWM, Eric. **Sobre história**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 138-154.

MAUAD, Ana Maria Mauad; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SINDER, Matheus Sinder; OLIVEIRA, Marcus. O arquivo de história oral e as linhas de pesquisa do LABHOI-UFF: Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense. *In*: HEYMANN, Luciana. **História oral e arquivo**: debates e desafios. São Paulo: Letra e Voz, 2024. p. 160-172

MAUAD, Ana Maria. Usos do passado e história pública no Brasil: a trajetória do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (1982-2017). **História Crítica**, Bogotá, n. 68, p. 27-45, 2018.

MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). **História pública no Brasil**: sentidos e itinerários. Ed: Letra e Voz, 2016.

MAUAD, Ana Maria; DUMAS, Fernando. Fontes orais e visuais na pesquisa histórica: novos métodos e possibilidades narrativas. *In*: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (org.). **Introdução à história pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 81-95.

MAUAD, Ana Maria; KNAUSS, Paulo. Memória em movimento: a experiência videográfica do LABHOI/UFF. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 143-58, 2006.

PAULON, Simone. A análise de implicação como ferramenta na pesquisa-intervenção. **Psicologia & Sociedade**, Recife, v. 17, n. 3, p. 16-23, 2005.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**, São Paulo, n. 15, p. 13, 49, abr. 1997.

POZZI, Pablo. La ética, la historia oral y sus consecuencias. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 9-29, jul./dez. 2014.

SANTHIAGO, Ricardo. Levantando a quarta parede: história oral e entrevistas públicas. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 47, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2021.

TAYLOR, Diana. **The archive and the repertoire**: performing cultural memory in the Americas. Durham: Duke University Press, 2003.

TORRES, Maria José Azevedo. **Pesquisa participativa**: uma introdução aos seus princípios e práticas. São Paulo: Cortez, 2008.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2018.